

## O historiador como *porteur*: considerações sobre Michel de Certeau e o ofício do historiador

João Rodolfo Munhoz Ohara <sup>1</sup>

**Resumo:** Ao publicar *L'écriture de l'histoire* (1975), Michel de Certeau apontou para os problemas de se desconsiderar o fazer historiográfico como uma *prática* ligada a um *lugar* social e a determinados procedimentos de *escrita*. Com *L'invention du Quotidien* (1980), Certeau explorou as tensões provocadas pelo *uso*, argumentando que uma determinada *prática* é capaz de subverter e jogar com as imposições, jamais sendo redutíveis a elas; as práticas que ele chama de *espaciais* ocupam uma boa parte desta obra. Apontamos aqui a convergência dos temas do *lugar social de produção* em sua crítica à historiografia e do *lugar* como *espaço praticado* em sua análise do cotidiano a fim de sugerir uma hipótese: a partir da leitura mais abrangente da obra de Certeau, pensamos ser possível refletir sobre o trabalho do historiador a partir de uma *metáfora espacial*. Para tanto, exploraremos inicialmente a análise de Certeau sobre a “Operação Historiográfica”, ligando-a ao estudo do uso do espaço em “A Invenção do Cotidiano”, e finalmente tomaremos tal estudo como metáfora ao ligar o “lugar social de produção” com o conceito de “lugar” tal como compreendido na segunda obra abordada.

**Palavras-chave:** Narrativa da história. Escrita da história. Michel de Certeau.

**Abstract:** When Michel de Certeau published *L'écriture de l'histoire* (1975) he drew the attention of historians to the problems of not considering historiography as a *practice* that is connected to a social *place* and to certain procedures of *writing*. With *L'invention du Quotidien* (1980) he explored the tension of the *use*, pinpointing that *practices* are able to play with impositions rather than being reduced and identified with it; the *spacial practices* are one of the areas he discussed the most. We argue that the coincidence of the *social place of production* from his critics on historiography and the *place* as the *practiced space* may lead us to our hypothesis: from a broader reading of Certeau's oeuvre we think it is possible to reflect on historiography using a *spacial metaphor*. To achieve our goals we study initially Certeau's analysis on “Historiographical Operation”, linking it to his spatial studies on “The Practice of Everyday Life” and finally taking its arguments as metaphors by linking both usages of the concept of “place”.

**Keywords:** Historiographical narrative. Writing of history. Michel de Certeau.

<sup>1</sup> Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

No idioma francês, o *passEUR* é uma espécie de contrabandista: desconsidera e desafia as fronteiras e limites estabelecidos, *passando* pessoas e mercadorias sub-repticiamente e subvertendo as *possibilidades de estar*. Na contramão da ordem, o *passEUR* se mostra como um extremo das *artes de fazer*: frente às imposições objetivas colocadas em seu caminho, ele cria atalhos, desloca certezas e subverte o *status quo*. Para Michel de Certeau, a figura do *passEUR* é, por essas características, uma metáfora muito profícua para o trabalho do intelectual:

[...] L'identité fige le geste de penser. Elle rend hommage à un ordre. Penser, au contraire, c'est passer; c'est interroger cet ordre, s'étonner qu'il soit là, se demander ce qui l'a rendu possible, chercher en parcourant ses paysages les traces des mouvements qui l'ont formé, et découvrir dans ces histoires supposées gisantes « comment et jusqu'où il serait possible de penser autrement ». [...]<sup>2</sup>

Convém, então, tentar entender tal metáfora articulada à proposta e à crítica mais amplas de Certeau à historiografia.

<sup>2</sup> CERTEAU, Michel de. *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. 2ª ed. Paris: Gallimard, 2002, p. 138.

“A identidade prende o ato de pensar. Ela é tributária de uma ordem. Pensar, ao contrário, é passar; é interrogar essa ordem, surpreender-se com a sua existência, perguntar-se pelo que a tornou possível, procurar, percorrendo sua paisagem, os rastros dos movimentos que a formaram, e descobrir em tais histórias supostamente mortas “como e até onde seria possível pensar diferentemente”. Tradução livre. Para as citações de “Histoire et Psychanalyse” será utilizada a edição francesa de 2002 pela Gallimard; para as demais obras, serão utilizadas as edições brasileiras, se disponíveis.

Neste ensaio, percorreremos a trilha de “A Escrita da História” (2008 [1975]) em articulação com “*Histoire et psychanalyse*” (2002), “A Invenção do Cotidiano” (1994) e “A Cultura no Plural” (1995) para explorar o que nos parece bastante significativo na obra de Certeau, a saber, a metaforização da prática do conhecimento sob a forma de práticas espaciais (no sentido de práticas relativas a um espaço) – e do intelectual como aquele que *passa* por tal espaço para questionar, renunciando à ambição totalizante.

É central em A Invenção do Cotidiano (1994) a análise que Certeau faz sobre as práticas de espaço. Ao trabalhar a tensão entre a ordem urbanística e sua apropriação, seu uso pelo *passante*, percebe-se efetivamente a complexidade das relações de poder tais quais compreendidas por Michel Foucault – poderes microfísicos, capilares, atravessando o tecido social e produzindo não dominações e repressões absolutas, mas relações multidimensionais, muito mais complexas do que a vulgata da “ideologia”. Problema que atravessa o pensamento de ambos, o espaço e sua instrumentalização é explorado por cada um de uma maneira diferente: para Foucault, interessam as práticas panópticas responsáveis pela vigilância e normatização/normalização dos corpos; para Certeau, o foco muda para as práticas de subversão de tais instrumentos. Ao comentar a obra “Vigiar e Punir”, Certeau diz:

Esse caminho poderia inscrever-se como uma seqüência, mas também como a recíproca da análise que Michel Foucault fez das estruturas do poder [disciplinar]. [...] Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade.<sup>3</sup>

Ora, vê-se aqui a atenção para essa capilaridade das relações sociais – “[...] ao rés do chão, com passos. [...]”<sup>4</sup> – e para a capacidade subversiva de um tipo de resistência antes desconsiderada. É muito importante para a abordagem do espaço em Certeau a questão do “rés do chão”. Porque “[...] se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades [...] e proibições, [...] o caminhante atualiza algumas delas [...]”<sup>5</sup>. Ao se apropriar e “torcer” a ordem, o passante “[...] as desloca e inventa outras [...]”<sup>6</sup> à revelia do vigilante na torre panóptica.

Essa relação entre a abordagem de Foucault e a de Certeau levanta algumas questões. Especialmente com os *Cultural Studies* estadunidenses, a obra de ambos os pensadores foi amplamente traduzida para o idioma

inglês, e alguns autores nos permitem acessar a forma como o diálogo Foucault-Certeau foi compreendido por lá. Da maneira como Bryan Reynolds<sup>7</sup> coloca, pode parecer que a reflexão foucauldiana sobre o poder disciplinar se distancia da análise cer-teauniana quanto à inventividade do cotidiano. Parece-nos uma leitura bastante superficial e limitada, se considerarmos a maneira como o próprio Certeau situa explicitamente os estudos do colega em relação ao seu próprio projeto. Quando Reynolds<sup>8</sup> fala de uma análise crítica do trabalho de Foucault, entendemos que faz uma leitura bastante enviesada da obra de Certeau, ou ao menos baseada em uma lógica de exclusão, na qual perceber a atuação da disciplina impossibilita pensar a inventividade – ou vice-versa – ideia esta rejeitada e amplamente criticada pelos dois pensadores franceses: para um, a existência do poder disciplinar pressupõe também a existência de uma reação a ele, sob a forma de desvios, resistências ou mesmo de sua aceitação; para outro, a inventividade, as artes de fazer, só são possíveis porque existe um corpo estranho a ser tratado – um limite imposto, uma interdição, aos quais se responde com a apropriação.

Eis que a grande contribuição de Certeau não é evidenciar a impossibilidade de identificar a ordem e as intenções

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. as artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 175.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 176.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 177-178.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>7</sup> REYNOLDS, Bryan; FITZPATRICK, Joseph. The transversality of Michel de Certeau: Foucault's panoptic discourse and the cartographic impulse. *Diacritics*, Baltimore, v. 29, n° 3, p. 63-80, 1999, p. 66.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 77.

com o uso que se faz delas; mais que isso, perceber que, mesmo sendo assimétrica, a relação de forças ainda assim é tensionada abre novas possibilidades e novos campos para pensar a história social<sup>9</sup> em sua dimensão cotidiana. Nesse sentido convém apontar a composição do próprio título da obra de Certeau: a *Invenção do Cotidiano*.

Se, por um lado, pode-se pensar na construção de um conceito, “cotidiano”, que busca dar conta de uma dimensão que não se dá a conhecer a não ser por vestígios muitas vezes ignorados, por outro, pode-se entender o mesmo como uma representação da capacidade inventiva do indivíduo em sua *experiência cotidiana*. Pensamos que este segundo modo de ler nos fornece, então, a ponte para esboçar a metáfora espacial de que se vale Certeau.

### **Operação historiográfica: recortar e deslocar vestígios**

Quando Certeau explicita e historiciza as práticas do historiador como operações realizadas a partir de um lugar e em relação a pressupostos social e temporalmente localizáveis sobre materiais dados e socialmente caracterizados como “vestígios do passado”, pode-se dizer que a pretensão totalizante e autoritária do saber capaz de compreender (*comprender*) o passado se vê em xeque:

<sup>9</sup> Pensando o termo não em relação a um campo historiográfico, mas sim como “história de toda uma sociedade” em contraposição a uma história sectária e elitista (ou seu inverso, uma história sectária dos “vencidos” e “oprimidos”).

“[...] O lugar “central” dado a uma categoria de signos fundamenta a possibilidade de classificar os outros como “atrasos” ou “resistências” e fornecer a base – parcial – de uma “coerência”, de uma “mentalidade” ou de um sistema ao qual todo o conjunto está referido. [...] Qualquer que seja, a referência a uma “coerência” capaz de envolver a totalidade dos dados de uma época ou de um país, esta se choca com a resistência dos materiais. [...]”<sup>10</sup>

Assim, considerar as categorias estabelecidas “de cá”, no presente historiográfico, pelo historiador, como instâncias “de lá”, do “passado histórico”, pertencentes ao “que passou”, constituiria uma forma de violência a esse Outro ausente que é o passado. Certeau entende tal modalidade de compreensão do passado como uma característica presente já na etnologia, e parte do universo cognitivo da história<sup>11</sup>: “[...] a imagem do dissemelhante é, ou um desvio com relação ao que se vê “de cá”, ou principalmente a combinação de formas ocidentais que teriam sido cortadas e cujos fragmentos estariam associados de maneira insólita. [...]”<sup>12</sup>. Nestes termos, o historiador precisaria se munir de ferramentas *outras*, atentar para as especificidades de um tempo *outro* e que, portanto, não comunga necessariamente das categorias

<sup>10</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 126.

<sup>11</sup> “O relato de Léry esboça, por todos os meios, a ciência desta fábula: esta será essencialmente a etnologia, ou o modo de sua intervenção na história.” (Ibid., p. 236)

<sup>12</sup> Ibid., p. 220.

presentes. Mais do que isso, trata-se de um outro tempo cuja complexidade excede as capacidades linguística e cognitiva da história que se pretende totalizante.

À crítica epistemológica, Certeau articula ainda a crítica social da historiografia. Podemos perceber que tal distinção e articulação se dão apenas a nível explicativo, operando de maneira conjunta, “estruturada e estruturante”, uma da outra.

“[...] Tal é a dupla função do lugar. Ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. Sem dúvida, esta combinação entre permissão e interdição é o ponto cego da pesquisa histórica e a razão pela qual ela não é compatível com qualquer coisa. É igualmente sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la.”<sup>13</sup>

Assim, ao criticar a *Introduction à la philosophie de l'histoire* de Raymond Aron<sup>14</sup> por conceituar a historiografia como uma entidade desencarnada, Certeau aponta para a prática do fazer historiográfico. É somente a partir de um lugar (*lieu*) que o historiador é capaz de

situar-se entre os temas, os métodos e as produções permitidas, e sua produção torna-se parte dessa constelação referencial. Lembramos aqui do conceito de crível (*croyable*), muito importante na obra de Certeau, que articulado à sua concepção de autoridade<sup>15</sup> fornece boas ferramentas para compreender a constituição e a reprodução do lugar social.

Para ele,

no sentido mais amplo do termo, as autoridades exprimem uma realidade de difícil determinação, embora necessária: o ar que torna uma sociedade respirável. Elas permitem uma comunicação e uma criatividade sociais, pois fornecem a uma *referências* comuns e à outra vias *possíveis*. [...]<sup>16</sup>

Nesse sentido, se a autoridade – o lugar social – se coloca como estruturável e estruturante<sup>17</sup> de uma prática, podemos entender o “trabalho destinado a modificar” as práticas citado por Certeau como a própria crítica de tal trabalho e na busca por uma historiografia cujas ambições, conscientes de suas limitações, sejam menos presas a uma concepção de saber duro, absoluto. Ainda mais, uma historiografia cujo uso da linguagem

<sup>13</sup> Ibid., p. 77, grifo do autor.

<sup>14</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975, p. 80-82; CARRARD, Philippe. History as a kind of writing: Michel de Certeau and the poetics of historiography. *The South Atlantic Quarterly*. Durham, v. 100, n. 2, 2001, p. 466.

<sup>15</sup> “Toda autoridade repousa sobre uma adesão. Proudhon até mesmo diz que ela constitui “questão de fé” e que se fundamenta numa “crença”. Somente um acordo espiritual, enfim, confere legitimidade ao exercício de um poder [...]” (CERTEAU, 2003, p. 37)

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995, p. 23, grifo do autor.

<sup>17</sup> Tomo aqui a liberdade de dialogar com os termos comumente associados à reflexão de Pierre Bourdieu. Cf. BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUSP, 2007.

seja menos parte de um universo cognitivo partilhado por saberes como etnologia; renunciar à colonização e conversão do Outro ausente (o passado) às nossas categorias, abrir-se para compreender a dinâmica e as dimensões próprias desse Outro tal qual se nos aparece – através de vestígios, as fontes.

Ainda quanto ao lugar (*lieu*), Certeau aponta para os esforços no sentido de apagar os vestígios da prática historiográfica em sua expressão textual. Como bem lembra Philippe Carrard<sup>18</sup>, o sinal mais evidente dessa operação de ocultar o trabalho do historiador se constitui no uso do pronome “nós” (*nous*).

[...] Political historian René Remond, stating his own opinion in a recent biographical profile, defended *nous* as beneficial pedagogically (relating readers and researchers), psychologically (preserving a scholarly modesty), and epistemologically (rendering the endeavor one that other members of the disciplinary community could have conducted). The first-person plural, he argued, implies an “act of faith in the universality of historical truth,” as well as the “conviction of being able to attain a certain objectivity.” [...] <sup>19</sup>

<sup>18</sup> CARRARD, Philippe. History as a kind of writing: Michel de Certeau and the poetics of historiography. *The South Atlantic Quarterly*. Durham, v. 100, n. 2, p. 465-482, 2001, p. 470-471.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 471, grifo do autor.

“[...] O historiador político René Remond, ao defender sua opinião em um ensaio biográfico, defendeu o *nós* como benéfico pedagogicamente (ligando leitores e pesquisadores), psicologicamente (preservando uma modéstia acadêmica), e epistemologicamente (mostrando o esforço que outros membros da comunidade disciplinar poderiam ter conduzido). A primeira pessoa do plural, ele argumentou, implica um “ato de fé na

Eis que a *convenção*, como chama Certeau, carrega em si mais do que uma escolha pronominal inocente. A escolha do pronome a guiar o texto (ou até a escolha por orações de sujeito indefinido, como também é comum em língua portuguesa) traz consigo o peso de um modelo epistemológico particular. “[...] No texto ele é a encenação de um contrato social “entre nós”. [...]”<sup>20</sup> Podemos lembrar, então, do que Paul Ricoeur chama de “pacto tácito de leitura” (*pacte tacite de lecture*)<sup>21</sup>, estabelecido entre leitor e texto (seja mais ou menos por causa do “nós” e dos outros componentes da *mise en scène* historiográfica), que constitui possivelmente o lugar onde se estabelece o que Certeau chama de *efeito de real*.

Ora, se a “objetividade” e a “universalidade” de René Remond já não encontram endosso na historiografia, se a tese de Raymond Aron sobre a história já não é capaz de expressar o caráter prático da historiografia, Certeau propõe uma saída cujo foco difere da história problema dos *Annales*.<sup>22</sup> Ao focar o aspecto da narrativa como parte integrante da operação historiográfica, ele dedica atenção especial ao léxico: “[...] diction (“choice of words”) is not a finishing touch to a text (not even to a “scientific” text) but an integral part of its very fabric. [...]” <sup>23</sup>

universalidade da verdade histórica”, bem como a “convicção na capacidade de atingir uma certa objetividade.” [...]” Tradução livre.

<sup>20</sup> CERTEAU, Michel de. op. cit., 2008, p. 71.

<sup>21</sup> Cf. RICOEUR, Paul. L’écriture de l’histoire et la représentation du passé. *Annales HSS*. Paris, 55e année, n. 4, p. 731-747, 2000.

<sup>22</sup> CARRARD, Philippe. op. cit., 2001, p. 468-469.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 476.

Cria-se uma tensão, portanto, na relação do historiador com o texto que produz: não só ao *separar, selecionar* as fontes, mas no próprio *escrever* há seu trabalho. Se a linguagem fundamenta desta maneira o ofício do historiador, o que temos é menos uma resposta do que uma advertência com relação às limitações do *uso* da língua pelo historiador. Ao mesmo tempo, cria-se tensão também na relação do texto com o leitor: “[...] however hard writers may work at coercing readers, there are no obligatory responses to the discursive moves they make.”<sup>24</sup> Por fim, tensiona-se ainda o texto a si mesmo: se as citações são as marcas de onde o texto historiográfico extrai sua credibilidade, há de se considerar que a *palavra do Outro* nunca se dá por inteira, não se oferece, e se está ali é porque já foi tomada, recortada, selecionada anteriormente.

“[...] Pelas “citações” pelas referências, pelas notas e por todo o aparelho de remetimentos permanentes a uma linguagem primeira (que Michelet chamou “crônica”), ele se estabelece como saber do outro. [...] Assim, a linguagem citada tem por função comprovar o discurso: como referencial, introduz nele um efeito de real; e por seu esgotamento remete, discretamente, a um lugar de

autoridade. Sob este aspecto, a estrutura desdobrada do discurso funciona à maneira de uma maquinaria que extrai da citação uma verossimilhança do relato e uma validade do saber. Ela produz credibilidade.”<sup>25</sup>

Assim, é se posicionando criticamente diante de uma historiografia construída sobre o mote “*Moi, le passé, je parle*”<sup>26</sup> que Certeau busca – sem explicitar *como* – uma historiografia capaz de refletir sobre seus pressupostos, explicitar suas práticas. Interpretamos tal posicionamento como a busca por uma historiografia que, disponibilizando o acesso do leitor ao processo mesmo de fabricação da história, refletindo sobre seu próprio texto como fruto de práticas e de um lugar (*lieu*), seja capaz de reconhecer a provisoriade e a precariedade de sua *prise de parole*<sup>27</sup>.

### **Metáfora espacial: mapear, localizar, pontuar**

Reconhecer que todo discurso tem seu *lugar* de produção implica, no caso específico da historiografia, a possibilidade de *mapear, localizar e pontuar* produções em suas redes relacionais – uma modalidade quase *cartográfica* de compreensão do processo de escritura

“[...] a enunciação (“escolha de palavras”) não é um toque final ao texto (nem mesmo a um texto “científico”) mas uma parte integral de sua própria fabricação. [...]” Tradução livre.

<sup>24</sup> Ibid., loc. cit.

“[...] Por mais que os escritores trabalhem para guiar seus leitores, não há respostas obrigatórias aos movimentos discursivos feitos.” Tradução livre.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. Op. cit., 2008, p. 101, grifo do autor.

<sup>26</sup> “Eu, o passado, eu falo.” – em referência ao encerramento do artigo “Une épistémologie de transition : Paul Veyne”. Cf. CERTEAU, Michel de. Une épistémologie de transition : Paul Veyne. *Annales ESC*. Paris, 27e anée, n. 6, p. 1317-1327, 1972.

<sup>27</sup> Tomada de palavra.

da história. Propomos aqui um paralelo, portanto, com a análise do espaço empreendida pelo próprio Certeau em “A Invenção do Cotidiano” a fim de construir e defender a hipótese de que a inventividade do *passeur* pode ser metaforizada para o ofício do historiador. O resultado disso é duplo: em primeiro lugar, aponta para o falso problema da metodologia prévia, considerando que estabelecer previamente as ferramentas de trabalho violenta o passado tal qual se nos apresenta (através dos vestígios, das fontes) e impede a reflexão do historiador sobre seu próprio trabalho, tomando pressupostos teóricos, éticos, políticos, entre outros como dados desencarnados, metafísicos. Em segundo lugar, aponta para a provisoriabilidade do fazer historiográfico, uma vez que a caminhada do passante só pode ser apreendida no seu próprio fazer, e para a parcialidade das respostas encontradas, considerando que, se o *passeur experimenta*, ele não experimenta a *totalidade*, mas apenas um trecho determinado, usando de uma rota que *Outros* podem ou não usar para chegar ou não aos mesmos *lugares*.

Ao pensarmos nessa hipótese, tomamos por base a concepção de saber científico do próprio Certeau, a saber, “[...] la possibilité d’établir un ensemble de règles permettant de « contrôler » des opérations proportionnées à la production d’objets déterminés.”<sup>28</sup> Ora, o pri-

<sup>28</sup> CERTEAU, Michel de. *L’écriture de l’Histoire*. Paris: Gallimard, 1975, p. 435, nota 5, grifo do autor. Na edição brasileira: “[...] a possibilidade de es-

meio ponto que nos chama a atenção é encontrar o termo *contrôler* entre aspas; pode-se entender aqui, lembrando da postura de Certeau em relação à maneira que a historiografia era conduzida, que as aspas indicam um tipo de controle que não se identifica com o controle exigido por um saber totalizante e que ambiciona a verdade universal. Embora não explicita sua concepção de controle em qualquer outro lugar, entendemos que Certeau classifica como controle uma modalidade de relação entre o historiador e seu ofício na qual haja consciência da arbitrariedade do sistema de regras estabelecido, da violência do *gesto de separar* operado previamente nas fontes e da impossibilidade de se estabelecer uma verdade universal e total. Eis que tal concepção de saber científico reconhece seu caráter social e histórico enquanto saber, e o caráter discursivo e linguístico dos produtos desta operação.

Outro ponto a ser frisado é a concepção de um objeto *produzido*. Posto que até mesmo o *fato* é uma produção do historiador, reconhecer a dimensão da *prática* historiográfica implica também renunciar à naturalidade desse Outro ausente que é o passado. “[...] De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas”, o historiador

tabelecer um conjunto de regras que permitam “controlar” operações destinadas à produção de objetos determinados” (CERTEAU, 2008, p. 109, nota 5). Optamos pelo uso do trecho francês por entender que sua estrutura chama mais a atenção para o termo “controlar” do que no caso da tradução.

faz outra coisa: faz deles a história. [...]”<sup>29</sup>. Quando *separa*, o historiador desloca o material, reorganiza sua composição e constrói uma ordenação (mais ou menos cronológica, mais ou menos teleológica) que só pode ser exterior ao objeto, uma vez que ele já *não é mais* o material bruto.

Assim dito, retomemos as *práticas espaciais* de Certeau. Para definir a distância entre o panorama, visão “panóptica”, ou representação cartográfica, e o espaço das práticas, podemos considerar que para ser representado o espaço “[...] tem como condição de possibilidade um *esquecimento* e um *desconhecimento* das práticas. [...]”<sup>30</sup>. Isso porque as práticas escapam à representatividade; é característica da prática a inventividade – ou, como coloca Certeau, “escapando às totalizações imaginárias do olhar, exista uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície [...]”<sup>31</sup>. Ora, chegamos então à conceituação que diferencia o *espaço* e o *lugar* (*lieu*).

[...] Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] O *espaço* estaria para o *lugar* como a *palavra* quando *falada*, isto é, quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente [...]. Em suma, o *espaço* é um *lugar praticado*. Assim a rua

geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.<sup>32</sup>

Embora em geral não se encontrem muitos comentadores que relacionem o lugar social a esse lugar a ser praticado, pensamos que a coincidência dos termos não deve passar despercebida. Mesmo que o próprio Certeau não deixe claro, pensamos que existe uma relação estreita entre o par conceitual *lugar/espaço* e sua concepção do ofício do historiador. Perceber essa coincidência na escolha de palavras é o ponto de partida para a elaboração de nossa hipótese.

Se, conforme o próprio Certeau, “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço [...]”<sup>33</sup>, portanto podemos também considerar que o relato (*rapport, récit*) historiográfico se constitui como prática espacial. Não só a leitura, como já citado, mas também o próprio fazer do historiador em relação ao Outro ausente (o passado) e seus vestígios tomados constitui uma prática a ser metaforizada<sup>34</sup> como prática espacial. Neste sentido, o lugar social vê-se atravessado,

<sup>29</sup> Ibid., p. 201-202, grifos meus.

<sup>30</sup> Ibid., p. 200.

<sup>31</sup> Lembramos aqui da passagem no início do capítulo nono de *A Invenção do Cotidiano*: “Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma “metáfora” – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços.” (CERTEAU, 1994, p. 199)

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel de. Op. cit., 2008, p. 79, grifo do autor.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. Op. cit., 1994, p. 171, grifo meu.

<sup>31</sup> Ibid., p. 127.

torcido e reorganizado por uma série de práticas que podem (ou não) atuar em sua reconfiguração. Retomando a citação que iniciou este ensaio, Certeau considera que “[...] pensar, au contraire, c’est passer; c’est interroger cet ordre [...]”<sup>35</sup>.

Ora, se o gesto de pensar é imanente ao trabalho do historiador, e se passar é interrogar, questionar, problematizar a ordem que se apresenta no lugar, podemos então considerar com mais firmeza que sua proposta geral à historiografia é a dúvida com relação aos pressupostos próprios de cada historiador, abrindo assim a possibilidade para aquilo que Certeau chama de *penser autrement*. Embora esta expressão pareça auto-explicativa, “pensar diferentemente”, há que se considerar algumas implicações diretas do termo em relação à reflexão certeuniana: em primeiro lugar, se considerarmos o posicionamento dos conceitos de Mesmo e Outro na obra de Certeau, seu funcionamento modal em relação à sua crítica à historiografia, veremos que o termo “*autrement*” não carrega somente a carga do “diferente” como alternativa; carrega a possibilidade de um movimento em direção ao Outro que não retorna ao Mesmo<sup>36</sup> – em termos mais práticos e próximos da historiografia, a possibilidade de pensar o passado a partir de sua própria taxonomia. Lon-

ge de ser uma recuperação do “passado tal como aconteceu”, pensar o passado a partir de sua própria taxonomia significa considerar o que Paul Veyne indica como “[...] *differentia ultima* de uma singularidade datada [...]”<sup>37</sup>:

[...] Suponhamos que nos aventuremos a escrever uma história do amor ou da sexualidade através dos tempos. Ficariamos satisfeitos com nosso trabalho quando o tivéssemos levado ao ponto em que o leitor pudesse ler nele as variações que os pagãos ou os cristãos, em suas ideias e práticas, haviam modulado sobre o tema bem conhecido do sexo. [...] Então o engano nos salta aos olhos: uma vez que a variação se explicita até o fim, o tema eterno se apaga e, em seu lugar, nada mais há senão variações, diferentes umas das outras, que se sucederam e que chamaremos de “prazeres” da Antiguidade, de “carne” medieval e de “sexualidade” dos modernos. Trata-se de três ideias gerais que os homens formaram sucessivamente sobre o núcleo incontestavelmente real, provavelmente trans-histórico mas inacessível, que se encontra por detrás delas. Inacessível ou antes impossível de ser extraído: faríamos dele fatalmente um discurso.<sup>38</sup>

Assim, pensar o passado a partir de sua própria taxonomia não constitui um retorno à ilusão da objetividade. Trata-se de perceber a singularidade desse passado a partir de uma abordagem iniciada no presente – por isso um movimento do Mesmo em direção ao Outro que não retorna. Recusar a universalidade de um

<sup>35</sup> CERTEAU, Michel de. Op. cit., 2002, p. 138.  
“[...] Pensar, ao contrário, é passar; é interrogar essa ordem [...]” Tradução livre.

<sup>36</sup> Esse movimento é amplamente trabalhado na filosofia por Emmanuel Lévinas. Entretanto, temos poucas evidências para afirmar qualquer relação mais próxima entre o pensamento de Lévinas e o de Certeau.

<sup>37</sup> VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 17, grifo do autor.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 17-18.

tema a-histórico significa, assim, encontrar, questionar e problematizar aquilo que o homem construiu e estabeleceu ao longo do tempo em torno de experiências singulares – como no exemplo, os prazeres, a carne e a sexualidade. Significa, ao mesmo tempo, questionar e problematizar as categorias do presente, tratando-as como igualmente históricas, igualmente produtos de relações sociais, atravessadas pelo poder e pela experiência. É nesse sentido que, portanto, consideramos o historiador como um *passeur* – alguém capaz de subverter a ordem do saber ao apontar para a historicidade do passado e para a historicidade do próprio presente.

#### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EdUSP, 2007.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A Economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- CARRARD, Philippe. History as a kind of writing: Michel de Certeau and the poetics of historiography. *The South Atlantic Quarterly*. Durham, v. 100, n. 2, p. 465-482, 2001.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *L'écriture de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. 2ª ed. Paris: Gallimard, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Heterologies: discourse on the other*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. as artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A escrita da História*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. Une épistémologie de transition: Paul Veyne. *Annales ESC*. Paris, 27º ano, nº 6, p. 1317-1327, 1972.
- CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

REYNOLDS, Bryan; FITZPATRICK, Joseph. The transversality of Michel de Certeau: Foucault's panoptic discourse and the cartographic impulse. *Diacritics*. Baltimore, v. 29, n° 3, p. 63-80, 1999.

RICOEUR, Paul. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales HSS*. Paris, 55º ano, n. 4, p. 731-747, 2000.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História*. 4ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

\_\_\_\_\_. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.